

Nada se cria. Tudo se copia

Videobrasil começa em São Paulo e abre as torneiras para os criativos

Nunca faltou publicitário na platéia do Videobrasil — Festival Internacional de Arte Eletrônica. Não deverá ser diferente agora, na 12ª edição do evento, que se estenderá de 22 de setembro até 25 de outubro, em São Paulo, nas unidades do Sesc na Vila Mariana, Pompéia e Ipiranga. Está tudo lá, de bandeja: idéias, formas, delírios, jor-



Solange Farkas, criadora e curadora do Videobrasil

rando abundantemente em vídeos, performances, instalações, e baratas afins. É um laboratório que, ao buscar uma certa síntese da contemporaneidade, acaba apontando caminhos, sugere linguagens, zomba do comodismo. Realizado a cada dois anos, apresenta trabalhos produzidos nos quatro cantos do mundo. São retratos de diferentes realidades, que formam um precioso painel destes tempos ensandecidos. Dele fazem parte vídeos que tanto podem ter trinta segundos como oito horas de duração, vindos de Minas ou da Indonésia, do Maranhão ou da Eslovênia. “É uma maluquice”, resume Solange Farkas, criadora e curadora do Videobrasil. Mais que maluquice, é uma fonte generosa, sempre disposta a aliviar a eterna sede de novidades sentida pela publicidade. “A propaganda é o grande vampiro dessa história toda”, diz Solange. Não é o único. Também os caninos da televisão, de acordo com ela, reluzem a cada rodada do evento. Tudo bem:

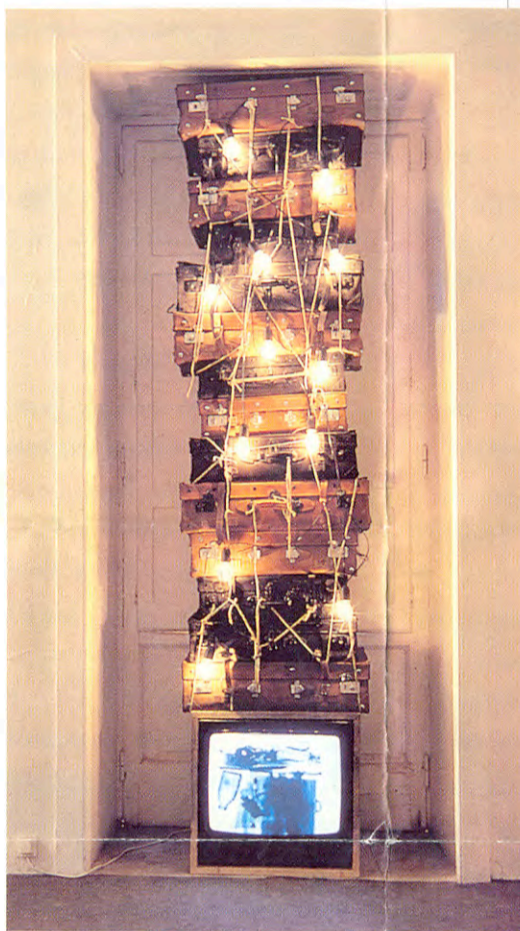
“Pôs na roda, não tem jeito: é absorvido, mesmo”.

Quando a mostra foi criada, nos anos 80, havia somente brasileiros entre os participantes. A tecnologia era para pouquíssimos, e os trabalhos revelavam fascinação pela linguagem televisiva, fosse ela a da Globo ou a do legendário programa “Abertura”, da Tupi, que trazia intervenções cinemanovistas de Glauber Rocha. Hoje, para Solange, identifica-se a contribuição do Videobrasil nos programas mais arrojados da TV, como por exemplo os de Guel Arraes. Na publicidade, então, é até covardia, de acordo com Marcelo Tas, ex-integrante da produtora Olhar Eletrônico, vencedora de três edições do Videobrasil. Tas diz já ter visto cópias sem nenhuma sutileza de algumas criações suas em filmes publicitários, mas garante não ter-se chocado. Chupam-se idéias quando elas são vigorosas, raciocina ele. E mais: “Quando você faz uma coisa boa e ela é copiada, você está colaborando para a melhora da linguagem”. O produtor de vídeo Carlos Nader, que este ano participa pela quarta vez da mostra, também não se ofende diante da óbvia constatação de que a propaganda absorve o que a cerca. “Acho legal, não me sinto roubado. Publicidade é assim mesmo”, afirma.



Marcelo Tas

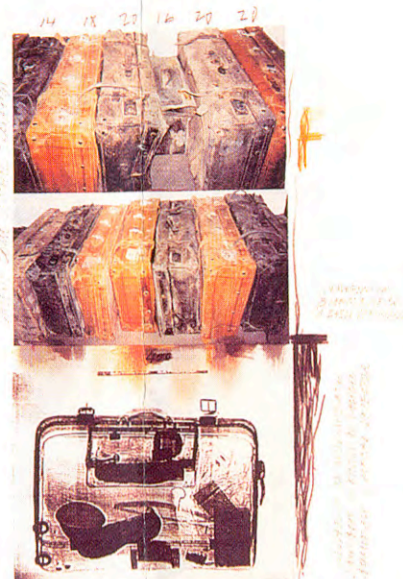
É inegável, portanto, o estímulo representado pela videoarte, cuja localização Nader considera interessante: “Fica entre artes plásticas, cinema e televisão, não é nenhuma das três e pode estar em todas.



Sarajevo/“Deposito Dell'Arte” (detalhe) de Fabrizio Plessi

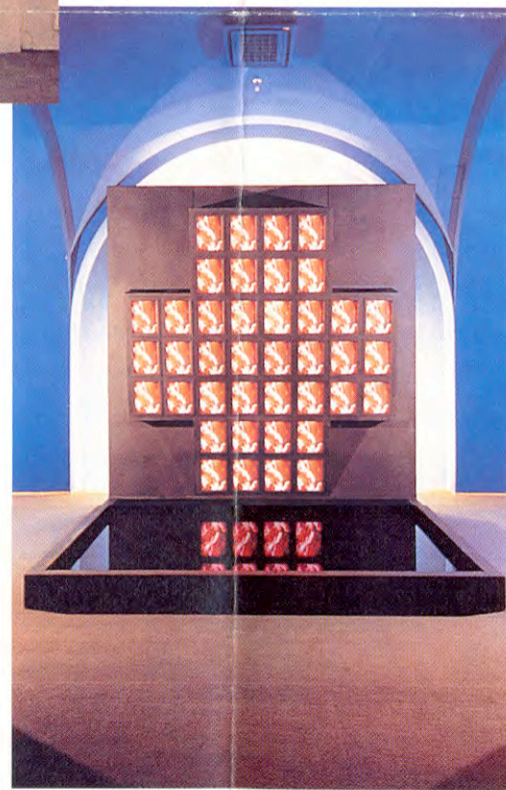
Isso é bom e ruim: ao mesmo tempo em que pode utilizar as linguagens dos três meios, pode ficar no limbo. Ainda não se definiu, mas eu gosto dessa zona cinzenta”.

Solange Farkas conta que, no começo, a produção nacional reunida por ela revelava preocupações de cunho político. Hoje, a plasticidade é o que mais chama a atenção. De um modo geral, porém, os videoartistas nacionais e estrangeiros vêm demonstrando, de quatro anos para cá, uma recusa à alta tecnologia, que também neste setor resultou no exagero dos efeitos e numa conseqüente pasteurização. O festival não interfere, apenas estimula a criação. “Não é para amador ou para profissional, é



SARAJEVO

para qualquer um”, avisa Solange. “O papel do festival é descobrir, é apontar para o futuro das artes. Se você não arrisca, burocratiza-se, cai no estabelecido.” Este ano, um dos destaques do Videobrasil é a instalação “Deposito Dell'Arte”, do italiano Fabrizio Plessi, que se propõe a interpretar o multiculturalismo brasileiro. Plessi utiliza doze contêineres para expor o que pensa. Pelo tamanho do aparato, vai causar um barulhão. Talvez o mesmo provocado por Alfredo “Fritz” Nagib, que na década passada venceu o festival com o vídeo “Eletricidade”,



Sevilha/“Deposito Dell'Arte” de Fabrizio Plessi

até hoje festejado como um arrojado marco futurista. Os elogios, porém, não serviram de incentivo para a carreira do videoartista, encerrada após a estréia brilhante. “Fritz” hoje cria jogues no sertão da Bahia.